



O impacto do manuscrito de Wallace de 1858

Marcio RODRIGUES HORTA

Em fevereiro de 1858, o naturalista Alfred Russel Wallace encontrava-se na ilha de Gilolo capturando insetos para vender, quando uma doença o impediu de continuar trabalhando. O ofício de entomólogo financiava seu verdadeiro objetivo: levantar dados para fundamentar uma teoria sobre a origem das espécies, motivação que o conduziu da Inglaterra para a floresta amazônica e, naquele momento, para o arquipélago Molucas (região da Nova Guiné, Oceania). Durante o repouso forçado, ele pôs-se a refletir sobre a natureza viva e, subitamente, ocorreu-lhe uma intuição, assim descrita em recordações datadas de 1905:

Naqueles dias eu sofria de um ataque agudo de febre intermitente; todo dia (durante os acessos de frio e posterior calor) tinha de repousar por algumas horas, tempo durante o qual nada tinha a fazer senão pensar sobre alguns assuntos que então me interessavam particularmente. Um dia algo fez-me recordar os *Princípios de população*, de Malthus, que eu havia lido doze anos antes; pensei em sua clara exposição dos ‘impedimentos positivos ao aumento’ – doença, acidentes, guerra e fome – que mantêm a população das raças selvagens tão abaixo da média das pessoas civilizadas. Então, ocorreu-me que essas causas (ou suas equivalentes) também estão continuamente agindo no caso dos animais e, como eles usualmente reproduzem-se muito mais rapidamente do que os humanos, a destruição anual devido a elas deve ser enorme para controlar a população de cada espécie (posto que os animais, evidentemente, não aumentam regularmente de ano para ano, pois de outra maneira o mundo de há muito teria sido densamente povoado pelos que procriam mais rapidamente). Pensando vagamente sobre a enorme e constante destruição que isso implica, ocorreu-me formular a questão: por que alguns morrem e alguns vivem? E a resposta foi claramente que, no todo, o melhor adaptado vive. ... Então, subitamente me lampejou que esse processo autoativo necessariamente *melhoraria a raça*, porque a cada geração o inferior inevitavelmente seria destruído e o superior permanecería – ou seja, *o melhor adaptado sobreviveria*. ... Quanto mais pensava nisso, mais ficava convencido de que eu ha-

via finalmente descoberto a tão buscada lei da natureza que resolve o problema da origem das espécies. Durante a hora seguinte, pensei nas deficiências das teorias de Lamarck e do autor dos *Vestígios*, e vi que minha nova teoria suplementava essas visões e obviava todas as dificuldades importantes (*Correspondence*, 7, p. 512).

Segundo seu próprio relato, Wallace esperou ansiosamente pelo término do ataque de febre que o acometia a intervalos regulares para poder escrever sobre o assunto: “Comecei naquela mesma noite, e nas duas seguintes escrevi o trabalho cuidadosamente para enviá-lo a Darwin pela próxima mala postal, que sairia dentro de um ou dois dias” (*apud* Ferreira, 1990, p. 50). O manuscrito intitulado “*Sobre a tendência das variedades a afastarem-se indefinidamente do tipo original*” foi, então, enviado anexo a uma carta para o vetusto cientista Charles Lyell, via Charles Darwin. O original de Wallace perdeu-se; porém, após a comunicação conjunta que desencadeou (de Darwin e Wallace na Sociedade Lineana, em julho de 1858), foi impresso no *Journal of Proceedings – Zoology*, edição de março de 1859 (cf. *Correspondence*, 7, p. 512). A carta que o conduziu até Lyell também desapareceu; não obstante, algo do seu conteúdo está nas recordações de Wallace:

Escrevi uma carta para Darwin, na qual disse esperar que a idéia fosse tão nova para ele quanto era para mim e que ela fornecia o fator perdido para explicar a origem das espécies. Perguntei-lhe se ele a considerava suficientemente importante para mostrá-la a Sir Charles Lyell, que tanto havia apreciado meu artigo anterior (*Correspondence*, 7, p. 513).

A justificativa do desejo de chegar até Lyell era pertinente, pois Wallace fora informado por Darwin, em fins de 1857, que o reputado cientista apreciara seu artigo “*Sobre a lei que regula o aparecimento de novas espécies*”, publicado em setembro de 1855 nos *Annals and Magazine of Natural History*.¹ A satisfação de Wallace por aproximar-se do grupo central dos naturalistas ingleses pode ser sentida em suas palavras, escritas para Bates em janeiro de 1858:

¹ De 13 a 16/04/1856 o casal Lyell visitou a família Darwin; foi durante uma conversa sobre seleção natural, provavelmente, que Lyell recomendou o artigo de 1855 para Darwin (cf. *Correspondence*, 7, p. 108, n. 4). Wallace conheceu Darwin pessoalmente em 1853, numa passagem por Londres, provavelmente no Museu de História Natural (cf. Ferreira, 1990, p. 36); a primeira carta preservada de Darwin para Wallace data de 01/05/1857 e discute o artigo - mas é na carta seguinte, de 22/12/1857, que Darwin menciona que Lyell chamou sua atenção para o texto (cf. *Correspondence*, 7, p. 107, n. 2).

Estou muito contente devido a uma carta de Darwin, na qual ele diz que concorda com ‘quase todas as palavras’ do meu artigo. Ele está agora preparando seu grande trabalho sobre ‘Espécies e Variedades’, para o qual tem coletado material faz vinte anos. Ele pode salvar-me do problema de escrever mais sobre minha hipótese, ao provar que não há diferença na natureza entre a origem das espécies e a das variedades; ou pode trazer-me problemas se chegar a outras conclusões. Mas em todos os casos seus fatos dar-me-ão sobre o que trabalhar (*Correspondence*, 7, p. 107, n. 2).²

O que Wallace não sabia (e que a correspondência de Darwin revela) é que Lyell, após ler o artigo de 1855, começou a pressionar Darwin a publicar sua teoria, temendo que o amigo fosse antecipado; o jovem naturalista pareceu-lhe antes um perigoso concorrente e candidato à prioridade do que um novo sócio para o clube. Assim, Lyell escreveu para Darwin em 01/05/1856: “Gostaria que você publicasse mesmo uma pequena fração dos seus dados, *pombos* se faz favor, para apresentar a teoria, que passe a ter uma data para ser citada e compreendida” (*apud* Ferreira, 1990, p. 41). Apressado por Lyell, pouco depois Darwin começou a preparar um resumo de sua teoria para publicação; contudo, interrompeu esse trabalho em seguida, pois não estava convencido da importância do artigo de 1855 de Wallace. Em sua cópia anotou: “185 – artigo de Wallace: Lei da Distr. Geogr. – nada verdadeiramente novo” (*apud* Papavero & Llorente-Bousquets, 1994, p. 89).

Na percepção de um pequeno grupo de especialistas já não se tratava apenas de postular a evolução das espécies, pois, naqueles dias, “as provas apontando para a evolução do homem haviam sido acumuladas por décadas e a idéia de evolução já fora amplamente disseminada” (Kuhn, 1987, p. 214). O verdadeiro problema era o de chegar a uma explicação estritamente naturalista e convincente de como ela ocorreu. Quanto a essa exigência característica da ciência, Darwin tinha consciência de que seus precursores mais importantes não haviam logrado êxito (cf. Horta, 1998, cap. 2). Num esboço autobiográfico, escrito pouco antes de sua morte, ele apontou os limites da *Zoonomia* (livro escrito por Erasmus Darwin, seu avô):

² Na carta de 01/05/1857, a que Wallace se refere, Darwin escreveu: “Por sua carta, e mais ainda por seu artigo nos *Annals*, percebo claramente que temos pensado de maneira muito próxima e até certo ponto chegamos a conclusões semelhantes. Faz 20 anos este verão [1857] que eu abri meu primeiro caderno sobre a questão de como e de que maneira espécies e variedades diferem entre si. Estou agora preparando meu trabalho para publicação, mas eu acho que o trabalho é tão grande que, apesar de ter escrito muitos capítulos, não creio que estarei enviando material para a impressão em dois anos” (*apud* Ferreira, 1990, p. 36-7).



O geólogo Charles Lyell (1797 – 1875), pouco antes de sua morte. Ele serviu como intermediário entre Darwin e Wallace na questão da prioridade pela descoberta dos principais aspectos explicativos do mecanismo evolutivo.

Essa obra me havia causado grande admiração quando a li pela primeira vez; re- lendo-a 14 ou 15 anos depois, fiquei bastante decepcionado com a enorme proporção de idéias teóricas, em relação ao pequeno número de fatos passíveis de demonstrá-las (Darwin, 1988, p. 21).

Além disso, era corrente a avaliação de que a hipótese do uso e desuso, de Lamarck, não dava conta dos fatos e sofria de pequeno poder de persuasão; Chambers, o autor anônimo dos *Vestígios da criação*, tornou popular o tema da evolução, mas sustentou-o apenas com a força da retórica.

Ao receber a carta e o manuscrito enviados de Ternate por Wallace, Darwin finalmente compreendeu a gravidade de sua situação e o quanto poderiam custar as duas décadas em que protelou a publicação de sua teoria evolucionista por seleção natural; embora trabalhasse incansavelmente no tema, com investidas diretas e indiretas (coletando e produzindo fatos em grande quantidade, organizando entendimentos auxiliares para a teoria principal, escrevendo artigos e livros, correspondendo-se com naturalistas de todo o mundo, desenvolvendo uma couraça conceitual própria etc.), sempre hesitou em publicar suas teses com provas incompletas (e também por temer a

virulência da reação criacionista, especialmente no terreno social).³ Naquele instante, Darwin acreditou-se antecipado, pois a indagação sobre como as espécies se originaram obtivera uma resposta filosoficamente adequada e plausível! Prontamente participou ao seu amigo Lyell do ocorrido, e remeteu-lhe a famosa carta abaixo:

Para Charles Lyell,
Em 18 [de junho de 1858].

Down, Bromley, Kent

Caro Lyell:

Há cerca de um ano atrás recomendaste que eu lesse um artigo de Wallace nos *Annals*, que havia te interessado; e como eu estava escrevendo para Wallace (e sabia que isso agradaria muito a ele), então eu lhe contei. Hoje ele me enviou um anexo e solicitou que te fosse encaminhado. Parece-me leitura muito digna. Tuas palavras, que eu seria antecipado, tornaram-se verdadeiras com força redobrada. Disseste isso aqui, quando muito brevemente te expus minha tese de que a ‘seleção natural’ depende da ‘luta pela existência’. Nunca vi coincidência mais notável. Se Wallace possuísse meu esboço, escrito em 1842, não poderia ter feito um resumo melhor! Seus próprios termos agora figuram como títulos de meus capítulos.

Por favor, retorne-me o artigo; ele não diz se deseja que eu o publique, mas é claro que imediatamente escreverei e me oferecerei a enviá-lo a algum periódico. Então toda minha originalidade, qualquer que seja seu valor, será esmagada. Meu livro, não obstante, se jamais possuir qualquer valor, não será prejudicado, pois todo o seu labor consiste na aplicação da teoria.

Espero que aprove o esboço de Wallace, para que eu possa levar a ele o que disseres.

Estimado Lyell, do mais verdadeiramente teu,
C. Darwin (*Correspondence*, 7, p. 107).

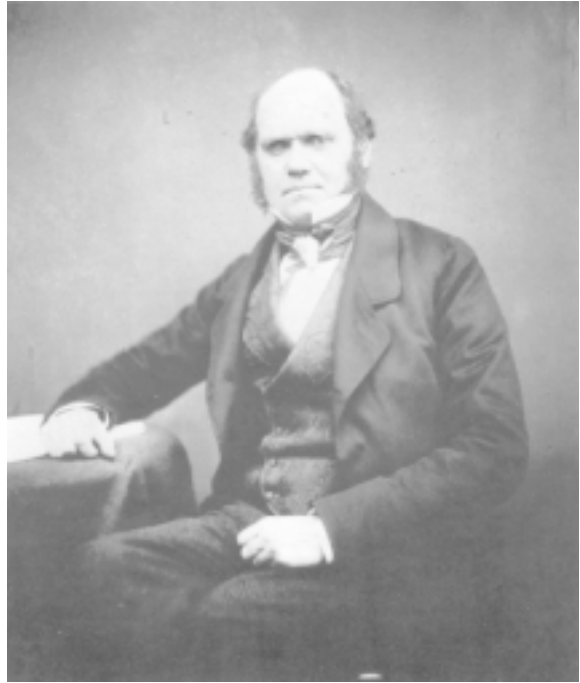
³ Segundo Papavero, há ainda outra razão: a incapacidade de Darwin em decidir sobre o problema da especiação (cf. Papavero & Llorente-Bousquets, 1994, p. 89).

Os editores têm datado esta carta em 18 [de junho de 1858], baseando-se no endosso de Lyell (Darwin escreveu apenas o dia na carta; mês e ano foram escritos a lápis por Lyell, quando do recebimento) (cf. Ferreira, 1990, p. 53). Contudo, esta data tornou-se objeto de debate. Henry L. McKinney sustentou em 1972 que Darwin recebeu a carta e o manuscrito de Wallace em 03/06/1858, no mesmo dia em que outra carta de Wallace (para Frederick Bates, datada de 02/03/1858) chegou à Inglaterra (com a ordem de ir “via Shouthampton”, ela passou por Singapura em 21/04/1858 e chegou a Londres em 03/06/1858) (cf. *Correspondence*, 7, p. 18). Arnold C. Brackman, um jornalista americano, manteve em 1980 que Darwin não guardou as cartas de Wallace recebidas de 1855 a 1858 e sugeriu que teriam sido queimadas, talvez por seu filho Francis (cf. Ferreira, 1990, p. 61). John L. Brooks lançou a suspeita em 1984 de que Darwin recebera a carta de Wallace ainda antes, valendo-se de registros do Correio das Índias Orientais Holandesas e da Companhia Peninsular & Oriental e, assumindo que a carta para Darwin foi postada com a de Bates, sustentou que ela deve ter chegado ao Correio Geral de Londres em 14/05/1858 “via Marselha” ou em 20/05/1858 “via Southampton”. Darwin, ao retê-la por um mês, teria tido tempo de revisar o capítulo VI da *Seleção natural*, livro que acabou não publicando; após o episódio, teria escrito o capítulo IV de *A origem das espécies* valendo-se do pensamento de Wallace sem citá-lo devidamente (cf. Ferreira, p. 60).⁴ Então, em 18/06/1858, teria enviado o escrito de Wallace para Lyell (cf. *Correspondence*, 7, p. 18). Entre nós, destaco o compromisso com esse debate tanto de Papavero quanto de Ferreira.

Todavia, com a publicação da correspondência completa de Darwin (particularmente do sétimo volume, no início dos anos noventa, que cobre os anos de 1858 e 1859), as acusações contra Darwin acabaram enfraquecidas. A intriga de Brackman (quanto à

4. Apesar das reclamações, algum reconhecimento para com o texto de Wallace de 1858 existiu; Darwin escreveu que: “Meu trabalho está agora próximo ao fim; mas como ele exigirá mais dois ou três anos para ser completado, e como minha saúde está longe de ser boa, apressei-me a publicar este resumo. Eu fui mais fortemente induzido a fazê-lo, pois o Sr. Wallace, que está agora estudando a história natural do arquipélago malaio, alcançou quase exatamente as mesmas conclusões gerais que eu sobre a origem das espécies. Ano passado, ele enviou-me um ensaio sobre esse assunto, com uma solicitação de que eu o repassasse para Sir Charles Lyell, que o enviou para a Sociedade Lineana, e o texto foi publicado no terceiro volume do periódico daquela sociedade. Sir C. Lyell e o Dr. Hooker, que conheciam meu trabalho (o último havia lido meu manuscrito de 1844), honraram-me com o convite para publicar, com o excelente artigo do Sr. Wallace, alguns breves extratos dos meus artigos” (Darwin, 1978, p. 6). Também há um reconhecimento quanto à importância do texto de 1855: “Esta concepção da relação das espécies numa região para com aquelas em outra não difere muito (por substituir a palavra variedade por espécie) daquela recentemente avançada numa engenhosa comunicação pelo Sr. Wallace, na qual ele conclui que ‘cada espécie passa a existir num espaço e tempo coincidente com uma espécie preexistente proximamente aparentada’” (Darwin, 1978, p. 184). Estas são as principais; no índice, podem ser obtidas outras referências feitas por Darwin a Wallace.

**Charles Darwin (1809 – 1882),
quatro anos antes de receber o manuscrito
de Wallace endereçado a Lyell.**



suposição de que algum Darwin teria intencionalmente destruído as cartas de Wallace, particularmente a de 18/06/1858) desfez-se, pois sabe-se que Darwin remeteu a carta e o manuscrito de Wallace para Lyell e que muitas cartas Darwin-Wallace foram conservadas; outras tantas cartas de e para Darwin perderam-se, de variados remetentes – a história feita através de missivas tem esse traço. Na ausência do envelope da carta de Wallace ou de qualquer evidência decisiva para a data da chegada da carta em Down, Barbara Beddall concluiu, em 1988, que o debate sobre a falsidade de Darwin é essencialmente insolúvel (cf. *Correspondence*, 7, p. 18); não obstante, é relevante observar que os registros de correio estudados por Brooks apontam que uma carta das Índias Orientais chegou a Londres em 17/06/1858 (de Londres a Down as cartas levavam um dia para ser entregues), o que torna perfeitamente possível que a data de 18/06/1858 seja honesta (cf. *Correspondence*, 7, p. 18). Ademais, segundo Frederick Burkhardt, editor da correspondência completa de Darwin, as cartas de meados de maio à metade de junho de 1858 fornecem alguma evidência circunstancial em favor da data tornada oficial (cf. *Correspondence*, 7, p. 18). Ele discutiu vários assuntos nesse período em seu tom normal, sem mostrar qualquer sinal de ansiedade; mas as epístolas também mostram, vividamente, quão aflito ele ficou nos dias imediatamente seguintes ao recebimento

da carta de Wallace. Assim, em 18 de maio [de 1858],⁵ numa carta para Syms Covington, Darwin diz que a publicação de sua teoria das espécies deve levar algum tempo ainda; em 16 de maio [de 1858], ele arranja um encontro com Hooker para discutir seu manuscrito sobre gêneros grandes e pequenos, afirmando não estar com nenhuma pressa em face a um juiz tão severo; em 18 [de maio de 1858], novamente diz a Hooker que não havia pressa alguma no mundo para o seu manuscrito; em 8 de junho [de 1858], afirma a Hooker que o tema dos gêneros ainda domina sua mente. Essas evidências não se ajustam ao humor de alguém aflito, como Darwin claramente estava em sua carta para Lyell, com a perspectiva de perder a prioridade no trabalho de sua vida. Nesse contexto, torna-se pouco verossímil a acusação de que ele pôs-se a escrever febrilmente após o recebimento da missiva de Wallace, adicionando quarenta e uma folhas ao tratado *Seleção natural* e suprimindo um capítulo todo; Darwin deve tê-lo feito *antes* do recebimento da carta, como parte de seu trabalho normal. Por fim, acontecimentos familiares traumáticos (e bem documentados) levaram-no a suspender sua atividade pouco após a chegada da carta, fazendo com que estivesse ausente da reunião da Sociedade Lineana que o apresentou como co-autor da tese da evolução por seleção natural, fato que seria impensável para alguém tão preocupado com os lauréis a ponto de agir com falsidade para se apropriar do pensamento de Wallace. Com efeito, em 18/06/1858 sua filha mais velha, Henrietta Emma, doente desde o início do mês, foi atacada por difteria (na ocasião, doença pouco conhecida e assustadora); dias depois, a babá e Charles Walring Darwin, de um ano e meio, manifestaram a febre escarlatina que grassava na cidade – a saúde do bebê deteriorou rapidamente e ele morreu em 28/06/1858; temendo por sua família, Darwin fugiu para uma ilha, até meados de agosto. Assim, compreende-se por que Darwin não pôde dar a devida atenção ao anúncio de suas idéias, não comparecendo ao encontro da Sociedade Lineana de 01/07/1858 (cf. *Correspondence*, 7, p. 19).

Em boa medida vinculada à polêmica sobre a desonestidade de Darwin, a consideração sobre a importância do manuscrito de Wallace variou. A primeira avaliação, feita pelo próprio Wallace, pretendia que o mérito do seu artigo de 1858 fosse principalmente o de ter levado Darwin a agir, conduzido ao anúncio das respectivas teorias de Darwin & Wallace e induzido à composição e publicação, em novembro de 1859, de *A origem das espécies por meio da seleção natural*, um marco na história da biologia evolucionista. Na carta de 29/05/1864, endereçada a Darwin, Wallace faz essa avaliação pela primeira vez:

⁵ Em colchetes também, pois sabe-se agora que Darwin, com grande frequência, não escrevia mês e ano em suas cartas, e a de 18/06/1858 seguiu a regra.

O economista Thomas Malthus (1766-1834), cuja obra *Ensaio sobre os princípios da população* (1798) apresenta a idéia de que as populações crescem mais rapidamente do que os recursos. Foi inspirado nela que Wallace formulou sua idéia da sobrevivência das variedades mais aptas.



Quanto à própria teoria da seleção natural, devo sempre considerá-la como sendo de fato sua e só sua. Você a trabalhou em detalhes (que nunca pensei) anos antes de eu ter um raio de luz sobre o assunto, e meu artigo nunca teria convencido ninguém ou seria visto apenas como uma especulação engenhosa, enquanto seu livro revolucionou o estudo da história natural ... todo o mérito que reclamo é a relevância de ter induzido você a escrever e publicar imediatamente (*apud* Cohen, 1985, p. 603, n. 5).

Bem mais tarde, em 1898, após descrever os eventos que conduziram à comunicação conjunta de 1858, Wallace afirma na mesma linha: “a teoria da seleção natural ... recebeu pequena atenção até que o grande livro de Darwin apareceu no fim do ano seguinte, marcando época” (*apud* Cohen, 1985, p. 603, n. 5). A proporção dos méritos vinculou-se, nesse primeiro momento, ao sucesso relativo da estratégia de apresentação e popularização dos trabalhos. Darwin muito cedo convenceu-se da necessidade de produzir um livro demonstrativo, extenso, profuso em provas e argumentos e dirigido ao público em geral. Wallace, por sua vez, fragmentou sua argumentação sobre o assunto em pequenos artigos escritos para especialistas, e sua importância acabou

parecendo secundária a ele próprio. Num segundo momento, em virtude da reação do próprio Darwin (expressa na carta para Lyell de 18/06/1858) e convictos de sua falsidade, alguns estudiosos passaram a dar uma importância cada vez maior ao manuscrito de 1858 de Wallace, a ponto de considerar que o maior mérito, com efeito, pertenceu a ele, e que Darwin fora efetivamente antecipado.⁶ Segundo Papavero (cf. Papavero & Llorente-Bousquets, 1994, p. 91), Darwin chegou à teoria da seleção natural, mas não entendeu a origem das espécies:

O ensaio de Wallace [é] incomparavelmente melhor escrito e desenvolvido do que os ‘resumos’ de Darwin ... o ‘princípio da divergência’ de Darwin não ofereceu nenhuma explicação para o ‘desvio contínuo’. Não explicou nem a formação de linhagens nem de ‘morfoespécies’. Darwin disse apenas que: ‘... a prole variada de cada espécie tentará (e só alguns conseguirão) ocupar tantos e tão diversos lugares na economia da natureza quantos sejam possíveis’. Essa conjectura contraria a experiência de Wallace ... [e] só poderia ser vista por Wallace como uma especulação de alguém que conhecia muito pouco da variação que ocorria na natureza (Papavero & Llorente-Bousquets, 1994, p. 105).

Ferreira também critica Darwin e aceita a tese da desonestidade, amplificando a importância do texto de 1858 de Wallace:

Desde 1844 ... Darwin tinha escrito um esboço de uma teoria da evolução por seleção natural, com a sobrevivência diferencial de indivíduos mais aptos. Alertado por Lyell sobre a importância da ‘Lei de Sarawak’ de Wallace, em 1856 começa a escrever seu livro, *Seleção natural*. Quando escreve a carta a Asa Gray, em 5 de setembro de 1857, ele propõe um ‘princípio de divergência’ que contudo não explica a divergência progressiva dos registros fósseis. Essa teoria ‘incompleta’ ele tinha incluído no capítulo VI do livro em 31 de março de 1858. Em algum momento entre 16 de maio e 12 de junho Darwin recebeu a correspondência de Wallace. Brooks propõe que foi a 18 de maio, quando escreveu a carta

⁶ Todavia, Smith observa que: “Wallace ... indicou em letra impressa em ao menos quatro ocasiões distintas que o manuscrito que enviou para Darwin não se pretendia um produto acabado: numa carta de 1869 para o biólogo alemão Adolf Bernhard Meyer (mais tarde reimpressa em 1895, *Nature*, vol. 52, p. 415); numa nota acrescentada ao ensaio, quando ele foi reimpresso em 1891 (in Wallace, *A seleção natural e a natureza tropical*, p. 27); no artigo ‘A aurora de uma grande descoberta’, de janeiro de 1903 (*Black and White*, vol. 25, p. 78) e em sua autobiografia *Minha Vida*, de 1905 (vol. 1, p. 363)” (editorial, 2003, [site wku.edu/~smithch/wallace/So43.htm](http://site.wku.edu/~smithch/wallace/So43.htm)).

para Lyell ... Darwin percebeu de imediato a força do argumento de Wallace, e quanto mais pensava mais via como sua teoria ainda era incompleta. Releu cuidadosamente o artigo ‘*Sobre a lei que regula a introdução de novas espécies*’... Foi então que Darwin escreveu as 41 páginas extras que inseriu no manuscrito do livro grande (Ferreira, 1990, p. 62).

Em seguida, Ferreira sustenta que “no artigo de Wallace o problema da divergência está completamente resolvido” (Ferreira, 1990, p. 51). Essa posição está perfeitamente alinhada com a afirmação de Ferreira, na Apresentação de seu livro, de que: “esses últimos anos ... foram também testemunhas de uma revisão na historiografia da teoria da evolução biológica. Tornou-se claro que a contribuição de Alfred Russel Wallace foi muito mais importante do que até então se pensava” (Ferreira, 1990, p. 15). Não obstante, presentemente percebe-se uma clara tendência ao equilíbrio, a um escrutínio menos apaixonado das idéias que busca principalmente levantar as semelhanças e as diferenças entre as teorias de Darwin e Wallace. Mais “darwinista”, Peter Bowler considera que:

A interpretação clássica do artigo de 1858 de Wallace é que ele representa uma descoberta independente do mecanismo darwiniano de seleção natural; o texto certamente contém a descrição de uma forma de seleção natural, aparentemente próxima o suficiente para persuadir o próprio Darwin de que ele havia sido antecipado. Mas um bom número de historiadores tem argumentado que uma leitura atenta do manuscrito sugere maiores diferenças nos modos pelos quais Darwin e Wallace formularam a idéia ... A teoria da seleção natural de Darwin depende da luta pela existência entre variantes individuais dentro da mesma população (mas o termo ‘variedade’ foi freqüentemente utilizado para denotar o que agora chamamos de subespécies – populações locais diferindo em algum modo bem marcado do resto da espécie). Minha posição é que uma leitura atenta do artigo sugere que Wallace estava pensando em competição entre variedades neste ponto; ele não oferece qualquer explicação sobre como as variedades são formadas, mas argumenta que, uma vez formadas, elas competirão umas com as outras até restar apenas uma, após o que elas novamente dividir-se-ão em variedades para repetir o processo. Significativamente, Wallace não viu qualquer ligação entre o mecanismo que apresentou e a seleção artificial dos criadores – por contraste, um fator chave que forneceu a Darwin uma visão da seleção individual na natureza. Observe-se também que, na versão reimpressa depois de Wallace ter lido Darwin, foram adicionados subtítulos que tendem a realçar a impressão de que ele estava pensando em seleção individual (Bowler, 2003).

John Reiss, por sua vez, mais simpático a Wallace, contrabalança escrevendo que:

... a similaridade entre a versão de Darwin da ‘seleção natural’ e o princípio que Wallace propôs neste ensaio tem sido superestimado por muitos escritores. Gostaria de sugerir que a apresentação de Wallace foi, de alguma forma, superior à de Darwin. Wallace não se preocupou com o problema da variação do mesmo modo que Darwin – ao invés, tomou a variação como admitida. Ele também colocou muito maior acento na ação contínua e rigorosa do princípio como uma explicação de por que não se vê nenhuma forma desequilibrada e pobremente adaptada ... Mais importante, Wallace evitou personificar o princípio, tanto que ele permaneceu um processo, mais do que uma força. Isso permitiu-lhe evitar o pensamento teleológico, que ainda encantava adeptos da ‘seleção natural’ de Darwin ... É lugar comum que Wallace, através de sua vida, foi um ‘selecionista’ mais estrito que Darwin. Esta diferença já está refletida neste primeiro ensaio de Wallace, que por isso tem uma estrutura mais clara que qualquer dos escritos de Darwin (como o geólogo Charles Lyell apontou) (Reiss, 2003).

Nos dois comentaristas detectam-se preferências, sem dúvida; porém, advertidos quanto às paixões extremas que marcaram os anos setenta e oitenta, de forma comedida prendem-se às teses e guardam prudente distância das acusações que, salvo fato novo, parecem destinadas à história da historiografia. A estatura científica de Wallace nada perde com isso – pelo contrário, pode ser aferida de forma um pouco mais independente, sem necessitar do rebaixamento de Darwin. Por fim, com o objetivo de disponibilizar ao leitor do nosso idioma um ensaio da maior importância na história e filosofia da ciência biológica, segue a tradução do texto de 1858 do notável pensador inglês. ☪

Marcio RODRIGUES HORTA

Membro do Projeto Temático

“Estudos de filosofia e história da ciência” da FAPESP,
doutorando do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo.

marciorh@bol.com.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Primária

- DARWIN, C. *Correspondence*, 10 vols. Ed. de F. Burkhardt & S. Smith. Cambridge, Cambridge University Press, 1985-1997 (*Correspondence*).
- _____. “Ensaio autobiográfico”. In: *Origem das espécies*. São Paulo, Itatiaia & Edusp, 1988, p. 17-29.
- _____. *The origin of species by means of natural selection*. Chicago, University of Chicago Press, 1978.

2. Secundária

- BOWLER, P. “Comment”. In: *On the tendency of varieties to depart indefinitely from the original type*. URL: <http://www.wku.edu/~smithch/wallace/So43.htm>, obtido em 30/04/2003.
- COHEN, B. *Revolution in science*. Cambridge, Harvard University Press, 1985.
- FERREIRA, R. *Bates, Darwin, Wallace e a teoria da evolução*. São Paulo, Editora da UNB & Edusp, 1990.
- HORTA, M. *Um estudo do evolucionismo de Darwin à luz das idéias de Kuhn em filosofia da ciência*. Dissertação de mestrado, Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998.
- KUHN, T. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo, Perspectiva, 1987.
- PAPAVERO, N. & LLORENTE-BOUSQUETS, J. *Principia taxonomica*. Vol. 5. Cidade do México, Universidade Nacional do México, 1994.
- REISS, J. “Comment”. In: *On the tendency of varieties to depart indefinitely from the original type*. URL: <http://www.wku.edu/~smithch/wallace/So43.htm>, obtido em 30/04/2003.
- SMITH, C. “Editorial”. In: *On the tendency of varieties to depart indefinitely from the original type*. URL: <http://www.wku.edu/~smithch/wallace/So43.htm>, obtido em 30/04/2003.